

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.^a Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Prazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—**IMPRESA CIVILISAÇÃO**

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 & 219—PORTO

Annuncios: 1.^a publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

“ORAÇÃO Á LUZ.”

Homem!

Quando a alvorada alumie o horisonte,
Ergue-te em pé, ergue essa frente!
Ergue-te livre, em pé, na terra escrava,
Em que has sido mudez caliginosa
E onda e rocha e verme e fera brava...
Ergue essa frente humana misteriosa,
Enigmatica flor crepuscular,
A flor que chora, que sorri, que pensa,
A flor de dor, que a natureza imensa
Milhões d'anos levou a arquitetar!...
Ergue-te calmo sobre a terra obscura,
Filho de Satanaz, pae de Jesus!
E no enlevo, no mimo, na candura
Da madrugada angelisada e pura
Faz, d'olhos tristes, o signal da cruz:
Uma cruz imortal em pensamento,
Uma infinita cruz, cheia de luz,
Aberta aos mundos n'um deslumbramento...
Cruz que, vindo de Deus, trespasse o inferno,
Cruz abarcando toda a imensidade,
Cruz onde um Christo, o Amor Eterno,
Chore sem fim a dor da Eternidade!...
E extatico, enlevado, absorto, imerso
Na harmonia inefavel da amplidão,
Ebrio de Deus, unido de universo,
Homem, levanta á luz esta oração:

Bemdito o christo-sol na cruz ardente,
O monstro-martir, que infinitamente
Por nós expira, soluçando luz!...

O' luz, ó luz, o mundo te devora,
Mas revives no mundo a toda a hora.

Morres para nascer a todo o instante,
Mais perfeita, mais pura e mais brilhante.

Sim, mais brilhante: a claridade
Vem só do amor e da verdade.

Tu revives, ó luz, mais amorosa
Na agoa fluida, tremula e viscosa.

Na agoa fecundante e conjugal,
Mãe do homem, do verme e do cristal.

Na agoa movel, magica, indecisa,
Onde a vida fermenta e fraternisa. . .

Por onde o sangue e a seiva, ebrios d'amor,
Circulam para a ideia ou para a flor!

Mas a agoa te absorve e te agradece,
Nunca te esquece, ó luz, nunca te esquece:

Almas da agoa, quando se casaram,
Foi com beijos de luz que se beijaram.

O mundo, ó luz, te absorve e te devora,
Mas revives no mundo mais intensa,
Mais proxima de Deus a cada hora,
Mas vidas todas d'esta vida imensa,
Vidas sem fim, almas sem fim,
Que o segredo do amor junta e condensa,
Por meus olhos magneticos, em mim!

Lampejam no meu corpo, humanizadas,
Mortas constelações e mortas alvoradas.

Desde que a Vida me gerou em dor
E fui ether, estrella, agoa, montanha e flor;

Desde que verme obscuro andei a rastros,
E, lobo em pé, sob o clarão dos astros,

Ao verter uma lagrima ligeira,
Me senti homem pela vez primeira;

Quantos soes, nebulosas, firmamentos,
Varridos já n'aza dos ventos,

Não deram luz ao lodo triste,
Que em mim, sonhando e suspirando, existe?!...

Todo o meu corpo é luz esplendorosa,
Sou um hino de luz religiosa,
Gravitando na orbita de Deus ..
Milhões d'auroras riem no meu canto,
Ondas d'estrelas brilham no meu pranto,
Pélagos de luas ha nos olhos meus!...
Esta carne, este sangue, esta miseria,
E este ideal imortal que me conduz,
Já foram brasas na amplidão etherea,
Por isso exultam devorando a luz...

Vive de luz minha alegria e minha magoa,
Bate na luz meu coração,
Fulge na luz o meu olhar...
O' luz tremente, eu bebo-te na agoa,
O' luz ardente, eu como-te no pão,
E calco-te na lama e sorvo-te no ar!...
O' luz! ó luz! ó luz!
Como te heide remir e te heide consolar?!...

Luz que nos enches de alegria,
Luz que desvendas a harmonia,
Que és o esplendor e a cor da natureza,
Farei de ti, luz d'um só dia,
A luz perpetua da Beleza!

Luz que ilumina a existencia,
Luz que propagas a evidencia,
Que dissolves o erro e a escuridade,
Farei de ti, da tua essencia,
A luz augusta da Verdade!

Luz, onde os olhos e onde o pensamento
Casam a estrella, o verme, a rocha, a agoa, o vento,
Homens e monstros, a canção e a dor,
Farei de ti, luz d'um momento,
A luz eterna, a luz divina, a luz do Amor!

Farei de ti a luz do Amor, que não se apaga,
A luz que tudo alaga
E tudo vê e tudo aquece...
A luz que nos deslumbra e que irradia
D'um suspiro, d'um ai, d'uma agonia,
D'um beijo humilde ou d'uma prece...

A luz, em cuja gloria idealisante,
O brazeiro dos astros rutilante
E' cinza escura e sepulcral,
E a apoteose imensa da alvorada
Uma lugubre e lenta fumarada,
Sonho torvo da duvida e do mal...

A luz que transfigura e que converte
O Cesar deslumbrante em poeira inerte
E o vagabundo, a rastros, n'um clarão...
A luz que acende lagrimas doridas
Em estrelas eternas e floridas,
Em jardins de candura e de perdão!...

Luz onde tudo vae boiando imerso,
Luz Espirito e Alma do universo,
Sol dos soes, increado e creador...
Luz de misericordia e luz de esp'rança,
Luz de infinita bemaventurança,
Manhã que rompe da infinita dor...

O' luz dos astros, cega luz corporea,
Que, revivendo, és agoa transitoria,
Fraguedo e areia, podridão e planta,
Calix que murcha e que a nortada leva,
Olhar de brasas que se volve em treva,
Gorgeio lindo que uma hora canta,

Em meu sangue exaltada e sublimada,
Em meu divino ideal crucificada,
A' paz suprema chegarás por mim:
Serás a luz do Espirito amoroso,
Serás na eterna dor o eterno goso,
A beatitude harmonica e sem fim!

*
*
*

Oremus:

Candida luz da estrella matutina,
Lagrima argentea na amplidão divina,
Abre meus olhos com o teu olhar!

Viva luz das manhãs esplendorosas,
Doira-me a frente, inunda-me de rosas,
Para cantar!

Luz abrasando, crepitando chama,
Arde em meu sangue, meu vigor inflama,
Para lutar!

Luz das penumbras a tremer nas agoas,
Vela as montanhas d'um vapor de magoas,
Para sonhar!

Luz dolorosa, branda luz da lua,
Embala, embebe a minha dor na tua,
Para chorar!

Luz das estrelas, vaga luz silente,
Cae dos abismos do misterio ardente,
Sangra calvarios infinitamente,
Para eu resar!

E cantando,
E lutando,
E sonhando,
E chorando,
E resando,

Farei da cega luz que me alumia
A luz espiritual do grande dia,
A luz de Deos, a luz do Amor, a luz do Bem
A luz da gloria eterna, a luz da luz, amen!

Guerra Junqueiro.

A um crucifixo

Não se perdeu teu sangue jeneroso
nem padeceste em vão, quem quer que foste,
plebeu antigo, que amarrado ao poste
morreste como vil e faziozo.

Desse sangue maldito e ignominioso
surgiu armada uma invencível hoste...
Paz aos homens e guerra aos deuses!—poz-te
em vão sobre um altar o vulgo ociozo...

Do pobre que protesta foste a imagem:
um povo em ti começa, um homem novo:
de ti data essa trajica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar n'isto,
lembraremos, herdeiros d'esse povo,
que entre nossos avós se conta Christo.

Antero de Quental.

A' CRUZ

Ha muito, ó lenho triste e consagrado!
Desfeita podridão, velho madeiro,
que tens avassalado o mundo inteiro,
como um pendão de luto levantado.

Se o que foi nos teus braços cravejado
foi realmente a Hostia, o Verdadeiro,
ele está mais ferido que um guerreiro,
para livrar das flechas do Pecado.

Ha muito já que espalhas a tristeza,
que luctas contra a alegre natureza
e vences ó Cruz triste! Cruz escura!

Chega-te o inverno, simbolo tremendo.
Queremos Vida e Ação: Fica-te sendo
um emblema de morte e sepultura!

Gomes Leal.

O que é que resta, afinal, de toda
a historia evangelica, desde o
prezipio de Béthelem até ao drama
do Golgotha?

Resta o cristianismo, isto é, não
somente uma «fundação grandioza»
mas a impulsão espirital a mais
poderosa de todas, aquela que tem
transformado as almas e n'elas
mesmas, perenemente, continua evoluindo.
Esta influencia é devida em parte
à beleza ora trajica e ora idilica
da leijenda, mas, mais ainda, à
insinuação do que chamamos a moral
do Evangelho, tal como ela nos
é revelada nas parabolas e nos discursos
atribuidos ao Salvador. «O espirito
do Evangelho, diz com razão
o abade Loisy, é a mais alta manifestação
da consciencia humana procurando
a felicidade na justiça». Seguramente,
a moral cristã não é original,
como também o não é nenhuma
moral laica ou relijioza; ela
assemelha-se à das escolas judias
de então de Gamaliel e Hillel, mas
aparece, nos Evangelhos, desembarçada
de toda a escolastica, de todo
o pedantismo ritualista; robusta e
simplesmente vertida, como compete
à doutrina que irá partir com os
apostolos para a conquista do mundo.
E' a moral da escola sem escola,
purificada e como que filtrada
atravez de almas ardentes, com todo
o encanto e toda a força de persuasão
das concepções populares. Ela não é
social, desdenha um tanto os
deveres do homem para com a urbs,
porque tende à perfeição e à pureza
individual; mas é a moral que melhor
predispõe o homem para o cumprimento
dos seus deveres sociais condenando
o odio e a violencia, e ensinando-lhe
a fraternidade.

E' absurdo dizer-se que esta moral
é contraria à natureza; sel-o hia
tambem a bondade, na correnteza de
tal conceito.

Ma; a moral cristã é, simplesmente,
a regra de conducta, sempre
mal observada, do cristianismo; estava
reservado a S. Paulo sobrepor
a esta doce e amorosa etica a doutrina
aspera do pecado orijinal, da redenção
e da graça; doutrina que suscitara
dezoito seculos de disputas, e peza,
ainda, sobre a humanidade como um
pezadelo.

Salomão Reinach.

A OBRIGA

Ecce Homo

I

Ha dois mil anos foste condenado
e ias morrer na cruz entre ladrões,
e foi teu verbo, ó Cristo, excomungado,
sob a injuria imunda; as irizões.

Como um aborto vil foste mostrado
na Cidade, ao furor das multidões,
seminu e de escarneos corado,
entre as vaías de morte e imprecações.

Chamou-te o sacerdocio imbaidor,
hereziarca, reprobado, e, por fim,
crucificou-te a Lei como impostor

Arrancou-te Judá como herva ruim
quando o teu crime foi:—Trazer o amor!
Dar a Esperança à raça de Caim!...

II

Agora vemos nós, maravillados,
a chamarem-te «seu» os teus algozes.
O' Cristo! os farizeus obeceados
invocando o teu nome em altas vozes!

São os mesmos hipocritas ousados,
é a mesma tradição de odios ferozes.
São como os de São:—assalariados
vendendo Deus, vendendo o ceu, ás dozes.

O teu martirio e sangue—sobre a Igreja
que é a Intolerancia, caiu;
mas á tua sombra, ela, hoje, viceja.

Teu Verbo—splendidez do ceu profundo
a Sinagoga-Nova o aluiu
e a escuridade paira sobre o mundo!

Antonio Valente.

ECHOS DA SEMANA

Ferrer

Comos e recordam. o pretexto para
a condenação de Francisco Ferrer
foi o de que o illustre racionalista
promovera a revolta barcelonesa
de julho e como chefe comandara
a insurreição. A acuzação, viu-se
desde o começo d'aquelle drama,
em mais d'um ponto semelhante ao
que a igreja celebra hoje, não era
mais que um assassinato premeditado,
e muito pú sau das bocas catolicas
por a consciencia mundial recuar de
horror ante o seu crime; mas a verdade,
afinal impoz-se.

Corrobora-a, agora, o governador
que á data de estalar o conflito era
auctoridade superior de Barcelona,
elle diz:—a revolta de julho foi um
movimento espontaneo. A bem dizer,
não obedeceu a um plano, não teve
direção nem chefe.

Mauia, Pio X e Afonso XIII sabiam
isso tão bem como o governador
da cidade, mas precisavam de
que o sangue inocente caísse por
sobre os suas cabeças e nenhum havia
mais cubiqado que o do fundador
da «Escola Moderna».

A tourné

Palmilhados os oratorios do Al-
garve e as ermidas alentejanas, po-
ze a caminho da Coimbra das borlas
e das sebatas o apostolo Teixeira
de Souza. Foi no sabado que, ali,
perante as ovelhas das suas fies
igrejas discursou, *pardon*, pregou o
sermão do Evangelho do dia, accom-
panhada a solemnidade com a execu-
ção, a grande instrumental, da partitura
dos «Adeantamentos». A' noite,
dignou-se o unjido do Senhor...
Fontes, de braço dado com a ditadura
franquista e com o Hinton dos
3300 contos, honrar o banquete
chorudo para que muito simbolica-
mente o haviam chamado os subdia-
conos, pessoas fortes na ciencia da
alegoria.

Havia de descançar lá para dezo-
ras, e, na manhã do outro dia, tomado
ás costas o alforje, como o Asheverus
lendario seguir pela estrada da penitencia.
Que o Sr. São Manoel se amercie
do peccador constricto chamando-o
amanhã a governo.

Fazenda publica

Em 1 de outubro de 1869, já on-
de vae isto e como parece d'agora,
dizia n'um relatório o sr. José Lu-
ciano de Castro: «E' grave e difícil
a situação da fazenda publica». Para
com os actos dar ma or pezo ás
palavras o *Imaculado* chefe progres-
sista tratou de agravar e peorar
sempre, de modo que hoje, em 1910,
o titular da fazenda pode servir-se
dos mesmos termos para encimar o
projecto das suas propostas de lei.
«E' grave e difícil a situação da fa-

zenda publica» mas ainda não apa-
receu meio melhor de se conjurar o
perigo que a receita antiga, ainda
agora felizmente inspiradora e mostra
A qual receita consiste em aumentar
de escala e descaro o saque monar-
quico contra a nação. Remedio
bento, melhoras certas...

Arreda!

Tudo andava á matroca desde a
«Liga do Carapau» até ao liberalis-
mo Beirão, sem que nenhum indre-
ta houvesse atinado com o mal.
Vae senão quando sobe de posto
sua infantezza o tio de el rei, e tudo
começa a entrar nas calhas desde
que o parlamento de D. Afonso fez
um príncipe real acabado. Vae tudo
pelo pó do gato:—adeantamentos,
devorismo, caciqueirada, imoralida-
des; arreda! que lá vão a nove as
redeas brigant nas da real arte.

Contas de sacco

D. Afonso como infante tinha 12
contos, como príncipe real fica-nos
pela miseria de 20 contos de reis
ao ano... e muitos viva sua alteza.
E' príncipe real, com direito a vinte
contos de reis ao ano, apenas ha
oito dias; foi infante, dois anos do
reinado novo, ganhando por lei 12
contos, mas recebendo, de facto, os
vinte contos da dotação... que lhe
caberia quando o parlamento o fi-
zesse príncipe.

Pode-se gabar D. Afonso de ser
um amfigurado da pescada:—a que
antes de ser já o era.

Zelo, delicadeza

O assalto á Camara Municipal de
Lisboa merece á dezunida familia
monarquica jeralmente, fartos aplau-
zos. Era preciso, dizem os zelozos
esteios da augusta pessoa do príncipe
real novo, mostrar á Camara
que a sua indelicadeza não passaria
sem correctivo. A edlidade, gritam
unisonos, foi malcreada.

Eles o dizem com um ar grave,
como se neste paiz de cocanha al-
guem tivesse roubado aos monar-
quicos o privilegio que disfructam,
desde tempos imemoriaes, de enox-
valharem a real familia.

A falta de delicadeza da Camara
foi cortar despesas pezadas e desnec-
essarias; a d'elles é o que coscovi-
ham e escrevem quando não estão
no poder.

Ai os bons tempos da Ivete e os
não peores do «rolo de tabaco», e
aqueles, nunca esquecidos, do cele-
bre «rei de trabuco»...

Os desligados

Separaram-se, os da infeliz Liga
Monarquica. Por motivos de honra,
é bem de ver; a Liga, era uma so-
ciedade de intrujões, de esbanjamen-
tos, comos e bebes e desvio de
dinheiros, no que não fazia senão
caminhar pelo terreno das tradições
familiaes; e alem disso era um logar
onde creanças iam perder dinheiro
—modo excelente de os educar para
adeantadores.

Não é qualquer lagalhê que o diz,
isso tudo de que é acuzada a *Liga
Monarquica*, escreveu-o um dos so-
cios mal avindos, o padre Avelino
de Figueiredo.

Ora a Liga era a nata do pessoal
monarquico: padres, ministros, dire-
ctores jeraes, militança grada, emfim
constituia o *bijou* do guarda-roupa
lealista.

E o padre, possesso de furor puri-
ficativo, chega-lhe ao pélo catitamen-
te.

E' a moralidade da grei, afflictiva-
mente, a estalar pelo có das cal-
ças...

Livros

Augusto Gil ofereceu-nos o seu
volume de satiras—O Canto da Ci-
garra—de que adeante se dá noti-
ca; de Loanda oferta-nos Alberto
Correa (Paulo Severo) uma interes-
sante e tipica comedia de costumes
e processos... civilizatorios «A Chol-
dra dos Titeres»; leitura suculenta
para dissertações de *coloniaes* da

Arcada; e recebemos da livreria Al-
meida, Carvalho & C., 3.º tomo da
«Biblioteca de Educação Moderna»,
o volume de Denoy «Descendemos
do Macaco?» que é um sugestivo
assunto de leitura.

Os nossos agradecimentos.

A Misericórdia

Finalmente! Primeiro desiderato
dos ovaenses, está eleita a jerencia
a que é confiada a sorte da Misericór-
dia. Espinhozo é o cargo, traba-
lhoza é a função a realizar, mas por
isso mesmo nem a enerjia, nem a
vontade, nem a dedicação, deixarão
de robustecer os homens a quem
Ovar, confiadamente, entregou a mais
cara, a mais ardente e a mais am-
bicionada das suas esperanças. A
Misericórdia que veste já os trajes
de sociedade formada, de corpo le-
gal; a Misericórdia que dos domi-
nios abstractos e do passo especu-
lativo avança para as efetividades
vizíveis e para as realizações efeti-
vas vae, sem nenhuma duvida, dar
satisfação aos nossos anelos e re-
gozijo ao nosso amor pela terra patria.
Vão nascer breve as paredes, vae
dezenhar-se d'aqui a pouco a silhuet-
ta do edificio alindando-se, crescendo,
chegando robusto e nobre, ao
seu estado de adulto. Assim é pre-
cizo, para que a assistencia publica
chegue á perfeição que na nossa
terra deve ezijir-se, para não nos
envergonharmos e vexarmos da nos-
sa incuria e da nossa falta de cari-
dade; assim é preciso para que a
idea mais util, mais jenerosa, mais
benemerita tenha a sua sanção, assim
é preciso para que uma confiança
estimuladora e de consequencias
gratissimas penetre e vivifique est-
agregado de pessoas e de familias,
desconecso socialmente e até ha
pouco marasmatico e paulento.

Assim é preciso, e tudo se cifra,
afinal de contas, no termo rezoluti-
vo: Ação!

Ação para que a construção seja
delienada dentro das prescrições que
a tecnica, a ciencia, o bom gosto e
a boa inspiração determinam; ação
para que assente a ordem e integra-
ção dos trabalhos e estes se não di-
latarem alem da oportunidade irremov-
vel, eis o preciso, que é o pezado
encargo dos corpos jerentes da nos-
sa Misericórdia.

Eleitos para uma missão difícil e
delicada, o seu sacrificio—porque
só de sacrificios e a abnegação constam
os proventos de taes logares—
corresponderá por seguro á magni-
tude dos trabalhos a empreender.

O nosso povo que acompanha com
a mais viva e mais enraizada simpatia
os progressos e realidades da
instituição desejada auxiliando-os ha,
dar-lhes ha a calorosa solidariedade
do seu apoio, determinar-se ha a
corresponder a todos os apelos que
se lhe façam. Esta intima associação
de forças e de vontades dará rezul-
tados equivalentes ao que se ezije
para cabal fundação da Misericór-
dia, agora é pois o momento de ini-
ciar trabalhos de alcance e signifi-
cação dec ziva.

Avante! pois, pela Misericórdia, e
todos nós nos prestemos a apoiar e
engrandecer os esforços e sacrificios
da jerencia eleita, esforços que serão
momentozos, sacrificios que serão
grandes.

Contra o Juizo de instru- ção e contra o jesui- tismo

Realizou-se domingo, em Lisboa,
com extraordinaria concorrência o
comicio convocado pelo Directorio
do partido republicano.

Foram oradores os nossos ilus-
tres correligionarios dr. Teofilo Bra-
ga—que prezidiu—drs. Brito Cama-
cho, Afonso Costa e Antonio Jozé
de Almeida. Todos concordes na
necessidade de acordar o povo por-
tuguez, para que este se imponha
aos que o perdem e trazem a saque,
todos castigaram com vigorosa e

indignada firmeza os actos do reji-
me e os seus aspectos d'agora, na-
da diversos dos de hontem.

Pelo illustre secretario do Dire-
ctorio, dr. Eizebio Leão, foi apre-
zentada a moção seguinte, que a
assembla acolheu e aprovou com
vivissimas demonstrações de aplauzo:

«O povo de Lisboa reunido em
comicio publico:

Considerando que o Juizo de Ins-
trução Criminal é uma permanente
ameaça á liberdade dos cidadãos;

Considerando que para muitos,
sobretudo n'estes ultimos tempos,
essa ameaça se tem effectivado da
forma mais arbitraria, mais deshu-
mana e vexatoria;

Considerando que, sob pretexto
de servir os interesses da justiça
tal instituição é meramente um in-
strumento docil que a reacção maneja
a seu talento, d'elle tirando provei-
to para a sua obra politica;

Considerando que, a despeito da
legislação liberal ainda em vigor, as
ordens e congregações religiosas
medram no paiz, e já se consideram
bastante fortes para se dispensarem
de qualquer disfarce que signifique
respeito pelo poder civil;

Considerando que na decadencia
de todos os regimens politicos o
clericalismo redobra de esforços e
de audacia para submeter o Estado
á dominação da Igreja, por maneira
que todos os aneios da liberdade
se apaguem na obediencia, e todas
as velleidades de protesto se fundam
no terror;

Considerando as amarissimas in-
certezas da hora presente, e ponde-
rando na justa medida os perigos
de to-la a ordem que entenebrece o
futuro;

Reclama a extincção do Juizo de
Instrução Criminal, que, pela sua
organisação e funcionamento, é uma
cidadella de terror e despotismo, e
ao mesmo tempo afirma a necessi-
dade de providencias legislativas que
contenham a reacção clerical na
sua marcha impudentemente atre-
vida, fazendo um supremo apello á
Nação para que se redima pela Re-
publica».

BIBLIOGRAFIA

O canto da cigarra: satira ás mu- lheres

Augusto Gil que ainda hontem
nos deu com o seu «Luar de Ja-
neiro» algumas das mais formozas
e subtilissimas liricas, peregrinas
entre as primeiras da alta poesia
lusa, traz-nos agora, com a chegada
dos cucos, o abrir das rozas e a lu-
fa lufa dosinhos, condimentada
das sapiencias d'um rôr de sabios,
uma orquestração nova de rimas:—
O canto da cigarra que assim reza
o assento baptismal no frontespicio
do livro.

Lemol-o d'uma assentada, e tor-
namos depois com vagar, agora uma,
agora outra, a aspirar o acido e
delicioso perfume das *satiras* que,
de traga moiros, valha a verdade,
pouco mais tem que o nome.

Podem ser desoladamente agres-
sivas, admitimos que contudem,
pois se dá o caso de ter de aver-se
a *cigarra* na sua irreverencia livre
ora com a fraude, ora com a hypo-
crazia, ora com a ambição doloza,
e tantas degradações e miserias hão
ferrado sua dentada na sensibilidade
canora.

Mas franqueza—sem aquele ad-
miravel segredo de pôr as coizas
sem aquele tacto e pericia injenita,
onde, até, algum sarcasmo que es-
capa é cheio de graça e leveza; sem
aquilo, quem pode gabar-se ahi de
não haver dado ao diabo, nenhuma
vez, a feméal metade do Homo?...

Ha telhas de vidro em todos, e
o novo livro de Augusto Gil é uma
preciozidade literaria, e funda-se de
tal modo nas escrituras, no encyclo-
pedismo, nos adajios; vem com re-
moques tan finos, que as proprias
queixozas o não demandam, o que
era cadeia certa...

Está o leitor interdito.

Já se lhe conta:

O canto da cigarra é um volume

de versos — o primeiro cá na parvo-nia — que põe as mulheres... de rasto.

Não se indigno. São ironias como cravos rubros, magistralmente compostas, não dando uma fíla unica, não desmerecendo com uma linha forçada, dezemxibida.

Pode fazer uma idea se já leu Heine, dando aos versos de Gil o viço e a alada fragrancia que não possui o alemão de Paris, espirito cerrado ao encanto e á pontinha de febre emocional do nosso adoravel lirico.

Não lhe queremos dar acareações: — as victimas de Henrique Heine ficam sangrando, retalhadas profundamente; estas, namoradamente batidas, ganham um certo picante que, em muitos cazos, lhes fica divinamente.

De resto, tem o poeta tanto por elas a perrice do Ecclesiastes, como você, este seu creado, toda a jeute; ele ama o eterno feminino, mesmo degradado, e indo para bater-lhe, arisco como um S. Pacomio, acaba por atirar-lhe, cara á cara... sonoros beijos.

E' que elas são os nossos peccados, e para as sorvar não ha nada como sabel-as jente peccadoras até á raiz dos cabelos...

Em suma, eu não contesto que as satiras, ao meu amigo, quarenta maior contribuinte, jurado, e irmão do Senhor dos Passos, fortemente lhe dezagradem; e não digo que não irrite as suas suscetibilidades de pater-familias ou as suas sezões de noivo, se nesse estado feliz se encontra.

Mas não me carregue o sobrolho encarando o canto da cigarra; Você tem sido mais vperino, infinitamente mais duro, e não ha pragas danadas que a sua boca não haja aturado ás Evas nascidas e por nascer.

Quanto a mim — deixe-me dizer o que sinto — gostei a valer do novo livro de Augusto Gil.

São, prodigamente espalhados, como estrelas, os versos d'uma finissima veia, muito delicada, muito subtil, e até amorosa e benevola quando parece mordente.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passam seus anniversarios natalicios:

No dia 25 o nosso prestimoso amigo e distincto clinico, Dr. Domingos Lopes Fidalgo.

E no dia 25 o snr. Adolpho Pinto do Amaral.

Felicitemol-os cordealmente.

— Na passada semana deu á luz, com feliz successo, uma creança do sexo masculino a esposa do nosso bom amigo e dedicado correligionario de Vallega, José Maria da Silva Graça.

Os nossos parabens.

— De regresso do Pará, chegou terça-feira a esta villa, acompanhado de sua esposa, o snr. Antonio Gomes da Silva, acreditado commerciante n'aquella praça brasileira.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

— Encontra-se felizmente melhor dos seus incommodos, o nosso amigo e correligionario Manoel Maria de Mattos, o que muito estimamos.

— Em goso de ferias encontram-se entre nós os distinctos academicos Antonio Zagaldo dos Santos, Anthero Cardoso, Antonio Santiago e Alvaro Valente.

— Tambem se acha n'esta villa o snr. Delfim José Rodrigues Braga, digno escrivão de direito em Cantanhede.

— Regressou da Africa Occidental o nosso conterraneo snr. Manoel Maria Rodrigues Figueiredo, bemquisto e considerado commerciante na praça de Loanda.

Boas vindas.

— De visita, esteve n'esta villa o pae do nosso bom amigo Manoel José dos Santos Anselmo.

Semana Santa

Na segunda e terça-feira passada foi ministrado procissionalmente o Sagrado Viatico aos enfermos da villa e hospital sendo o cortejo religioso de terça-feira numerosamente concorrido.

As ruas da Fonte, Poça e Bujunco apresentaram-se caprichosamente ornamentadas com mastareus, bandeiras, flores e verdura, sobresaindo esta ultima rua pela garilice do seu aspecto e bella disposição.

Nos prestitos encorporou-se a banda dos Bombeiros Voluntarios. Hontem á noite, com enorme concurso de povo, foram conduzidas procissionalmente da capella do Calvario para a igreja parochial as imagens do Senhor Morto e da Senhora da Soledade. Fez-se ouvir no trajecto a philarmonica Ovarense.

Hoje de manhã ha missa solemne a grande instrumental, commumhão do clero e exposição do Sacramento; á tarde a cerimonia do Lava-pedes e sermão do Mandato pelo snr. P.º Bruno Telles; e ao anoitecer o sermão das lagrimas pelo mesmo orador e em seguida a procissão do Ecce Homo, organizada por ir nãos da Ordem Terceira.

A sua passagem conservar-se-hão abertas as diferentes capellas dos Passos illuminadas e ornamentadas.

A manhã, Sexta-feira Santa, de manhã Via Sacra feita por irmãos da Ordem Terceira, que sairá pelas 7 horas; e pelas 5 horas da tarde sermão e em seguida a procissão do enterro, que, percorrido o itinerario do costume, recolherá novamente á igreja, onde ha depois o sermão da Soledade.

N'este cortejo toma parte a banda Ovarense e os dois sermões estão confiados ao snr. P.º João de Souza Cirne.

Sabbado d'Alleluia, benção da agua; e pelas ruas a queima tradicional dos judas.

Domingo de Paschoa, festa da Resurreição, com procissão que sairá pelas 9 horas da manhã, e, recolhida esta, missa solemne e exposição do Sacramento.

Toma parte n'esta festividade a banda dos Voluntarios.

"Alerta,"

Recebemos a amavel visita d'este novo confrade, orgão republicano de Torres Novas.

Excelentemente redigido, é mais um combatente que vem juntar o seu esforço á cauza em que andamos empenhados, que é a libertação da Patria pela Republica.

Por isso muita prosperidade e longa vida é que lhe desejamos.

Misericórdia d'Ovar

Como estava annunciado, effectuou-se no dia 19 a eleição da primeira mesa administruava da Misericórdia, a qual, por maioria de votos, ficou constituída pelos seguintes cidadãos:

Provedor, dr. José Luciano Correia de Bastos Pina.

Secretario, João Ferreira Coelho.

Mesarios effectivos, dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves, dr. Domingos Lopes Fidalgo, Affonso José Maruns, José d'Oliveira Lopes e Delfim José de Souza Lamy.

Substitutos, José Maria Pereira dos Santos, Antonio d'Oliveira Mello e Antonio Valente d'Almeida.

Os eleitos tomaram já posse dos seus cargos na ultima terça-feira.

Julgamos estar bem confiada a missão de iniciar os importantissimos trabalhos que ha a arcar com a fundação d'uma instituição tão grandiosa, como é a da Misericórdia, attenta a competencia, boa vontade e são criterio dos eleitos; e por isso só fazemos votos que em toda a população d'Ovar encontrem a cooperação que tão necessaria é para secundar

os seus esforços, na execução de tão admiravel e catiboso empreendimento.

Récita

Promovida pela illustre Commissão de Beneficencia Escolar d'esta villa, realisa-se no proximo dia de Paschoa, no nosso theatro, uma récita infantil, constando de interessantes e variados numeros.

A parte litteraria d'este espectáculo é devida á penna do nosso estimado amigo e distincto litterato Antonio Dias Simões, cujas peças nos dizem ser primorosas. Eis o programma:

«Rheumatismo agudo»

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

Pantaleão, Alfredo Se xas; Reynaldo Fagote, José Lamy; Directora, Adelaide Duarte Silva; Professora, Arlete Gaioso; 1.ª alumna, Gumerinda Gaioso; 2.ª alumna, Eduarda Palavra; 3.ª alumna, Angelina Cunha; 4.ª alumna, Maria L. Tavares; Creado, Justo A. da Costa.

Grupo de alumnas.

«Berceuse», por Gumerinda Gaioso.

«Uma crise ministerial»

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

Aurora, Mathilde Ribeiro; Bertha, Anna d'Oliveira Borges; Cecilia, Maria d'Ascensão D. Regallado; Docinda, Maria Amelia da Silva Dias Simões; Elvira, Margarida Gomes da Silva; Fernanda, Olivia da Silva Tavares; Directora, Maria José d'Assumpção.

ORPHEON

1.º Canção da fada Fifi; 2.º Agua leva o regadinho; 3.º Canninha verde; 4.º Noite serena; 5.º Móro á beira do mar.

«O cometa»

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

Luiz, Guilherme Lopes; Arthur, José Augusto Vau; Lourenço, Arlindo Mello; Gertrudes, Maria José d'Assumpção; Rachel, Maria d'Ascensão Das Regallado; Carolina, Anna d'Oliveira Borges; Tia Francisca, Mathilde Ribeiro.

Os bilhetes acham-se á venda na tabacaria do snr. Ferreira da Silva, da Praça.

Fallecimento

Falleceu terça-feira n'esta villa, com avançada idade, o snr. Francisco Joaquim Nogueira, pae do snr. Francisco Joaquim Nogueira Junior, digno escrivão de fazenda d'este concelho.

A familia do extincto o nosso cartão de condolencias.

— Tambem se finou na segunda-feira um tio do snr. José Antonio Alves Ferreira, a quem igualmente endereçamos pesames.

Fuga de presos

Tornou novamente a evadir-se das cadeias de Pereira d'esta comarca o celebre gatuno Antonio Rodrigues Bento, o da Pinta, d'Esmoriz, de quem ha pouco nos occupamos por identica proeza. D'esta vez foi acompanhado por um outro preso que alli se achava a cumprir pena, de nome Ernesto Rodrigues da Silva, o «Fogueta», d'esta villa.

Até agora se desconhece o seu paradeiro.

Na capella das Dorotheias

Um facto deveras picaresco que caracteriza a caridade e tole-

rancia catholica de que é dotada aquella gentinha, se deu ha dias na nova capella das Dorotheias, succursal do Quelhas, alli nos lados de Sant'Anna.

No dia 11 do corrente, uns pobres homens, de nomes Francisco Gomes Coelho, Lucio Rodrigues da Pinta, Manoel Leite Brandão, João da Costa Ponte Nova e José d'Assumpção Pederneira, todos da rua dos Maravalhas, no fervor das suas crencas religiosas, dirigiram-se áquella capella, com o fim de assistir a uma pratica, chamada, na gyrta d'aquella casa, do retiro. Entraram, fizeram as suas orações e dispunham-se a sentar-se n'um banco junto ao guarda-vento quando receberam intimativa da beata, dizem elles, Roza do Villão para sahirem do templo, allegando que a pratica era só para mulheres.

Os pobres homens retiram-se effectivamente sem recalitrarem, desgozotossimos pelo inqualificavel procedimento das religiosas, que se dizem servas da doutrina do casto Nazareno que se sacrificou por estabelecer entre os homens, a equaldade, a fraternidade e o amôr.

Isto que relatado fica foi nos communicado por um dos homens expulsos da capella, que nos procurou para tornar publica a caridade religiosa d'aquellas santas irmãzinhas.

Feita assim a vontade da publicação d'este ridiculo caso, não fariamos sobre elle o mais leve commentario se não viesse a allegação do retiro, ser destinado só para mulheres ligar-se com outro facto que nos foi revelado.

Tem havido n'aquella capella provativa as taes praticas do retiro, vindo prégar um jesuita qualquer de fó-a d'Ovar. N'uma d'essas praticas o assumpto tratado no pulpito foi tão escandaloso e immoral que algumas mulheres que alli se encontravam coraram de pejo.

Isto tambem foi constado cá fóra, por alguem que assistiu, dizendo que o que lá se tratou era assumpto só para homens.

Razão tinham as beatas em lá não quererem os homens.

Bom é que os paes de familia, que entregam a educação de suas filhas áquella casa, indaguem da veracidade d'este caso, pela sua natureza tão melindroso, para se precaverem de futuros retiros...

O caso de Guilhovae

A respeito do caso da exposição ou infanticidio imputado á mulher de Guilhovae, correu graves boatos sobre encobridores e cumprices.

Até agora a indigitada criminosa não foi encontrada, o que mais revela a sua criminalidade.

O poder judicial procede a investigações mas a auctoridade administrativa está quieta.

Pois mais do que a ninguem cumpre ao snr. administrador investigar, por dever d'officio e de dignidade.

ANNUNCIOS

Mercearia Valente

PRAÇA—OVAR

Acaba de expôr á venda um sortido das afumadas conservas d'«A Varina», que vende pelos preços da fabrica.

Tambem vende a superior farinha «Nestlé», por preço inferior ao Porto.

Acaba tambem de receber novas remessas de arame simples e farpado, rede de arame, páz de ferro, fogareiros, tintas e um completo sortimento de ferragens.

Em mercearia:—de tudo e artigos de primeira qualidade Tudo a preços baratissimos.

Declaração

Joaquim Valente d'Almeida vem declarar que foi dissolvida a sociedade que tinha com Jeronymo Pereira de Carvalho na companhia de pesca denominada da S.ª do Soccôrro, ficando a mesma companhia a girar sómente por conta do declarante.

Declara mais que continúa a dar aos compradores de sardinha a mesma percentagem do anno anterior, ou seja:

a 15 dias—2 %
a 30 » —1 1/2 %
a 60 » —1 %

Ovar, 16 de Marco de 1910
Joaquim Valente d'Almeida

Serralheiros e ajudantes

Precisam-se habilitados para forja, na officina de Guilherme Nunes de Mattos.

Rua da Fonte—OVAR

Reportorios

e Almanachs

PARA 1910

Encontram-se á venda na

Imprensa Civilisação

Rua de Passos Manoel, 211 a 219

PORTO

Grandes descontos

aos revendedores

VENDE-SE

Um magnifico predio de sobrado com quintal, agua encaçada e muito bem dividido, no largo do Martyr (de traz da capella); e tambem se vende o bom predio n.º 44 da rua de Sant'Anna.

Este predio vende-se de novo por o caseiro não ter cumprido o contracto de compra. Liquidação positiva para sofrer compromissos.

A tratar com a proprietaria Joanna Rodrigues da Graça, no largo do Martyr.

Casa THOMAS

O mais chic e variado sortido

em

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS

Sempre as mais recentes novidades.

214, R. de Santa Catharina, 216

Em frente ao Primeiro de Janeiro

PORTO.

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

== OVAR ==